

# DICIONÁRIOS PARA TRADUÇÃO FRANCÊS- PORTUGUÊS-FRANCÊS

*Claudia Maria Xatará*  
Professora da Unesp/Campus  
de São José do Rio Preto  
xatará@ibilce.unesp.br

**RESUMO:** *Enquanto não se discute o recurso a dicionários, dos mais diversos tipos, no processo de tradução, o tradutor não terá uma atenção especial dos projetos lexicográficos. As editoras e grupos de especialistas brasileiros ainda não apontam para a elaboração de uma grande obra de referência bilingüe francês-português do Brasil; e os setores da cultura e da educação dos principais organismos governamentais permanecem inertes a essa imperdoável lacuna no mercado dos dicionários. Essa situação tem de se inverter caso se acredite que de fato a tradução no país do e para o francês e da tradução na França do e para o português brasileiro não possa mais prescindir de um produto cultural lexicográfico bilingüe de qualidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionário para tradutores, dicionário bilingüe, projeto lexicográfico.

**RÉSUMÉ:** *Tandis que l'utilisation de dictionnaires les plus divers n'est pas discutée dans le processus de traduction, les projets lexicographiques ne porteront pas d'attention spéciale aux traducteurs. Les maisons d'éditions et les spécialistes brésiliens n'indiquent pas encore l'élaboration d'un grand ouvrage de référence bilingue français-portugais du Brésil, et les secteurs de la culture et de l'éducation des principaux organismes gouvernementaux demeurent inertes à cet impardonnable vide dans le marché des dictionnaires. Cette situation doit changer si l'on croit vraiment que traduction au Brésil du et pour le français et de la traduction en France du et pour le brésilien ne peut plus se passer d'un produit culturel lexicographique bilingue de qualité.*

**MOTS-CLÉS:** Dictionnaire pour traducteurs, dictionnaire bilingue, projet lexicographique.

## INTRODUÇÃO

Com base em muitas definições de dicionário constantes da literatura especializada, poderíamos afirmar que se trata de um produto fabricado para responder às exigências de informação e comunicação, devendo representar um instrumento pedagógico e funcional de educação permanente, uma vez que viabiliza uma homogeneização

do conhecimento lexical de toda uma comunidade lingüística. Serve para ajudar seus consulentes – professores, tradutores, intelectuais, pesquisadores e leigos – a descobrir a ortografia correta, o emprego sintático adequado e as possibilidades de sentido de palavras comuns (dicionário de língua geral) ou de palavras especializadas (dicionário técnico ou terminológico e dicionário fraseológico), além de auxiliar na tradução (dicionário bilíngüe ou multilíngüe) e de aumentar o saber semiótico dos leitores (dicionário enciclopédico). Qualquer que seja o tipo do dicionário, será um meio de assegurar a permanência da norma lingüística e de capacitar o indivíduo para que este possa adquirir uma competência lexical mais satisfatória.

Especificamente no que diz respeito ao tradutor, o recurso aos dicionários bilíngües visa assegurar precisão na tradução de termos que melhor designem, na língua de chegada, a noção apresentada no texto da língua de partida. Com toda consciência profissional que lhe é freqüentemente cobrada, o tradutor deve buscar nesses dicionários a equivalência que, por falta de um termo melhor, indique uma relação estabelecida entre dois termos de línguas diferentes, capazes de designar noções correspondentes segundo o grau de coincidência entre elas.

#### LIMITAÇÕES DO DICIONÁRIO

Apesar de toda crença e expectativa popular, entretanto, um dicionário não fornece todas as respostas a todas as questões. É preciso, pois, que se tenha uma visão menos ingênua, lembrando que

um dicionário nunca é completo, mas apenas representativo de uma língua ou de um setor específico de uma língua.

De um modo geral, as obras de referência podem mesmo representar verdadeiras armadilhas para o tradutor, ou não resolvendo suas dúvidas, ou dando uma falsa impressão de que estas estariam sanadas. Justamente por esse motivo, além de conhecer toda a gramática e um acervo razoável do léxico comum de uma língua, é fundamental, para um profissional como o tradutor, poder servir-se de um grande repertório de colocações e de formas cristalizadas, discernindo o seu significado conotativo ou especializado e adequando essas unidades da língua a contextos específicos.

Para isso, o tradutor deve, primeiramente, reconhecer a unidade de tradução mínima, que é um problema de segmentação, porque a ignorância desses limites exatos conduz à transposição de paradigmas parciais de um código para o outro e à produção de enunciados incorretos por solecismos e decalques de construção. Por exemplo, seria necessário identificar a seqüência “pôr água na fervura” (*mettre de l'eau dans son vin*) como expressão idiomática e não somente “água na fervura”, para não codificarmos em francês expressões não freqüentes como *jeter de l'eau dans son vin* ou *verser de l'eau dans son vin*, pois o idiomatismo nesse caso tem distribuição única, admitindo apenas o verbo *mettre*. Os subsídios para que sejam feitas as devidas segmentações são fornecidos por estudos lexicológicos, área da Lingüística que descreve a natureza e a composição de quaisquer unidades lexicais (KRIEGER, 1993).

Cada lexia complexa, abundantemente presente no discurso coloquial, em se tratando das unidades fraseológicas da língua comum, e no discurso técnico-científico, no caso das unidades terminológicas, representa uma unidade de tradução mínima, pois sendo uma lexia, embora complexa, é, por conseguinte, a menor unidade de funcionamento sintático (MOLINIE, 1986).

Após identificar uma dessas lexias como unidade de tradução mínima, o tradutor deve, então, estimar o valor do equivalente proposto, pois o grau de frequência e o registro de língua relativizam, inclusive, o alcance das traduções. E é o dicionário que deve também auxiliar adequadamente o tradutor, quando este não recupera prontamente na língua de chegada o equivalente satisfatório – de preferência tão saboroso quanto – para algum fraseologismo do texto da língua de partida, sobretudo no caso de traduções literárias ou de publicidade.

O maior problema, entretanto, é que, na maioria dos dicionários bilíngües, essas unidades lexicais são apenas definidas com as mesmas paráfrases apresentadas pelos monolíngües, ao invés de traduzidas, em uma correspondência adequada com a outra língua em questão, observando-se suas condições de emprego.

Assim têm-se, para *faire naufrage au port* ou para *s'embarquer sans biscuit*, as seguintes paráfrases definicionais: “ver todos os projetos desfeitos quando estes mais prometiam realizar-se” e “meter-se num negócio sem dispor dos meios necessários para se sair bem dele”, respectivamente, ao invés das traduções idiomáticas “morrer na praia” e “embarcar em canoa furada”.

Se se tratar de uma lexia terminológica, a preocupação é a mesma: não basta definir, ainda que muito corretamente, o seu significado; deve-se, sim, apresentar para o termo da língua de partida um equivalente terminológico na língua de chegada; assim *cours d'assises* terá o equivalente fraseológico “supremo tribunal federal”; *appareil de détente*, “válvula redutora de pressão”; *poutre maîtresse*, “viga mestra”.

Só é aconselhável recorrer a glosas definicionais nos casos em que a lexia complexa de uma cultura não encontrar correspondente na outra (RÉZEAU, 1990).

Também abundantes em qualquer tipo de texto, reinam as colocações que, se desconhecidas, não serão introduzidas corretamente em uma tradução e serão as responsáveis por uma série de inadequações e estranhamentos. Assim, a título de exemplo, *admiration aveugle* é uma adjetivação adequada para qualificar a validade do sentimento de admirar como infundado, o que não é o caso para *admiration sourde*, pois não se trata de uma colocação usual.

#### A ESCOLHA DE UM DICIONÁRIO

Em termos gerais, é importante situar a obra consultada dentro de uma escala de parâmetros. Observem-se os principais itens a serem considerados na escolha de uma obra de referência: (1) tipo de dicionário; (2) introdução elucidativa; (3) data de publicação mais recente; (4) público visado; (5) número de entradas; (6) inclusão de termos de diferentes níveis lingüísticos; (7) apresentação da

definição e/ou do equivalente; (8) transcrição fonética (de preferência feita com base no Alfabeto Fonético Internacional (AFI); (9) informações gramaticais suficientes; (10) inclusão de ilustração e exemplificação; (11) anexos.

Para auxiliar na escolha da obra certa, eis alguns conselhos arrolados por Ibrahim (1988): (1) a nomenclatura deve ser coerente: uma palavra usada numa definição deve compor também um verbete do dicionário; (2) uma definição só será boa se não utilizar uma única palavra mais rara ou mais complexa que a palavra-entrada e se sugerir uma associação correta; (3) uma definição breve demais, que não esteja contextualizada, ou parcial demais, desconstrói o saber; (4) a definição pode valer-se de analogias, o que estimula o consulente e, ao mesmo tempo, delimita melhor o uso das palavras com significado semelhante; (5) os exemplos devem ser esclarecedores: os curtos demais ou artificiais apenas incham o dicionário.

No que possa concernir a dicionários bilíngües elaborados para o público específico dos tradutores – o que parece não existir no mercado editorial, a não ser em trabalhos acadêmicos cujo resultado final é uma obra terminológica –, o diferencial seria justamente uma microestrutura que não se limitasse a circunlóquios ou generalizações, mas que tivesse uma preocupação central com as equivalências, nuançadas a cada acepção, registro ou situação de comunicação.

## DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS-FRANCÊS

Os tradutores brasileiros não podem ignorar a única “bíblia” lexicográfica mais completa que foi publicada até hoje em termos de número de entradas e exemplos e de informações constantes nos verbetes: o *Grande dicionário francês-português* e o *Grande dicionário português-francês*, de Domingos de Azevedo, da Editora Bertrand, cuja última edição foi a de 2005. Mas se trata do português europeu.

Os brasileiros contam com pouquíssimas obras de referência nos pares de língua português do Brasil-francês, dispondo apenas de dicionários de língua geral muito pequenos, que na verdade nem foram elaborados para atender a contento a esse público especializado. É o caso do *Dicionário brasileiro francês-português / português-francês*, de Rena Signer, publicado pela Oficina de Textos em 1998.

Há alguns poucos dicionários especiais bilíngües, que, apesar de tratarem apenas de um recorte de uma parte do léxico, podem auxiliar o tradutor. Exemplos: *Dicionário francês-português de locuções*, de Aluizio Mendes Campos (São Paulo: Ática, 1980), com 4 mil entradas; *Dicionário de idiomatismos francês-português/português-francês*, de João Paulo Mattos e Robert Bretaud (Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1990); *Dicionário de falsos cognatos francês-português/português-francês*, de Claudia Xatara e Wanda Oliveira (São Paulo: Schimidt, 1995); *Les faux*

*amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros*, de Sérgio Bath e Oswaldo Biato (Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998); *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras francês-português/português-francês*, de Cláudia Xatara e Wanda Oliveira (São Paulo: Cultura, 2002), do qual derivou o *Dictionnaire électronique d'expressions idiomatiques français-portugais/portugais-français*, que será disponibilizado *on-line*, ainda este ano, no *site* do Laboratoire d'Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française (ATILF), de Nancy, contendo definição das expressões, informação de registro, contexto, expressões similares, opostas, equivalentes na outra língua e agrupamento de expressões que se referem a um mesmo conceito.

Na verdade, pode-se verificar que, assim como há pouca produção lexicográfica bilíngüe impressa que inclua o português, como os dicionários técnicos editados pelo Centre International de la Langue Française de Paris (CILF) – por exemplo, o grande *Dicionário das indústrias francês-português / português-francês*, ou o *Dictionnaire de la presse et des médias (français/portugais/italien/espagnol)* –, também ainda não existem dicionários bilíngües digitais, para uso profissional de tradutores, tão bons quanto os impressos *Robert & Collins* ou o *Harrap's*, para o inglês-francês, ou o *Langenscheidt*, para o alemão-francês.

Às vezes, encontram-se na *web* dicionários especializados como o do vocabulário da moda francês-português do Brasil (<<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/glossario/a.htm>>),

ou bancos de dados terminológicos que incluam o português, como o Termpost, da Union Postale Universelle, a *Terminologia do Fundo Monetário Internacional*, ou o Solon – glossário jurídico multilíngüe de equivalências. Por fim, outro exemplo seria o serviço de tradução da Comunidade Européia, que conta com o Eurodicatom, ferramenta com proposta de tradução entre onze idiomas, dentre os quais o português, para algumas áreas técnicas, entretanto a pertinência dos resultados depende muito do contexto (<[http://www.culture.gouv.fr/culture/dglf/ressources/ressources\\_termino.htm](http://www.culture.gouv.fr/culture/dglf/ressources/ressources_termino.htm)>).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPOSTAS

Com base no panorama delineado, fica claro que ainda hoje os tradutores do francês ou para o francês, responsáveis por trabalhos de qualidade, não podem contar com dicionários de qualidade francês-português brasileiro. Para que essa discrepância seja atenuada no mercado dos dicionários, urge tomar algumas medidas concretas. Em primeiro lugar, algum setor responsável pelo planejamento lingüístico do governo dos dois países envolvidos – França e Brasil – deveria solicitar a uma equipe de lexicógrafos um projeto de uma obra de referência de língua geral bilíngüe, com um número considerável de verbetes (no mínimo, cerca de 50 mil entradas) e com uma microestrutura cuidadosa em que explicações de uso e exemplos significativos seguissem a propostas de equivalência, com especial atenção à fraseologia e às colocações. Esse projeto, a ser desenvolvido a médio

prazo, representaria o primeiro grande dicionário bilíngüe francês-português do Brasil. Em segundo lugar, a elaboração desse dicionário deveria ser encampada desde o princípio por uma editora, de preferência já contatada pelos fomentadores do projeto. Assim, toda a produção dessa obra seria adequadamente acompanhada e subvencionada. E, em terceiro lugar, pesquisadores interessados e selecionados em âmbito nacional deveriam integrar-se ao projeto como elaboradores e/ou colaboradores.

É evidente que produções paralelas, sobretudo de vocabulários especializados, continuariam a surgir, dispersas, mas tendo em vista uma organização em termos nacionais de um banco de dados terminológicos francês-português brasileiro. Essa organização, por sua vez, ficaria a cargo de uma equipe de terminólogos (vinculados talvez a uma universidade, como a UnB, que conta tanto com terminólogos quanto com tradutores de francês), para a instalação e alimentação desse banco, recolhendo os dados enviados por pesquisadores e tradutores de todo o país.

Por fim, deveria ser ainda viabilizada ainda uma lista de discussão de tradutores profissionais de francês, aproveitando inclusive a lista de participantes do I Encontro de Tradutores, que estará disponível no *site* da Embaixada da França.

Resta saber, pois, se essas discussões não serão inócuas e se os tradutores de francês no Brasil poderão contar de fato, em um futuro breve, com apoio governamental e institucional, no que concerne a um produto lexicográfico bilíngüe de língua

geral confiável e mais completo, à organização nacional da terminologia já desenvolvida também em termos bilíngües e à promoção constante de um produtivo estreitamento de suas relações e experiências.

#### REFERÊNCIAS

IBRAHIM, A.H. Choisir un dictionnaire. *Le Français dans le Monde*. Paris: Hachette, n. 218, p. 48-53, juil. 1988.

KRIEGER, M. G. A obra e o fazer dicionarísticos. *Cadernos do Instituto de Letras da UFRS*, n. 10, p. 9-16, 1993.

MOLINIE, G. *Éléments de stylistique française*. Paris: PUF, 1986.

RÉZEAU, P. Pour une étude des variantes géographiques et de la phraséologie du français. *Cahiers de Lexicologie*, v. 1 e 2, n. 56-57, p. 131-308, 1990.